

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTÃO

**A IMPORTÂNCIA DO AFETO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Aluna: Vera Lúcia Casaqui Donaire

Orientadora: Gabriela Schneider

Curitiba, fevereiro de 2010.

A IMPORTÂNCIA DO AFETO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vera Lúcia Casaqui Donaire¹

RESUMO:

Objetivando destacar a importância do afeto no desenvolvimento do ser humano, suas implicações nas variações do comportamento e seu resultado no processo educacional, elaborou-se esse trabalho. O desenvolvimento deste, baseou-se em pesquisas bibliográficas, textos e pesquisas de campo em escolas de ensino regular que oferecem a educação infantil. Há evidências de que sentimentos negativos diminuem a auto-estima e com isso levará danos ao desenvolvimento emocional e cognitivo. Ao longo da pesquisa foi-se investigando e checando informações, avaliando e trabalhando atividades de aspectos emocionais, sociais e pedagógicos sempre fundamentados na afetividade. Durante o trabalho observou-se que pessoas com prática emocional bem desenvolvida tem mais probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas. As que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que incapacitam a concentração no processo escolar. Os resultados indicam que a criação, desde cedo, de um ambiente familiar de aceitação, respeito e apoio acaba por produzir uma melhora na auto-estima da criança que passa a sentir-se amada, o que, conseqüentemente, vai possibilitar o início da vivência de um processo de socialização.

1. INTRODUÇÃO

Desde o nascimento a criança vivencia experiências diversas e é através delas que constrói a identidade pessoal. A família é parte inicial e mais importante no desenvolvimento emocional da criança, pois é nela que acontecem os primeiros vínculos afetivos, obedecendo a limites e já se conscientizando do papel de cada componente do grupo familiar.

As pessoas com prática emocional bem desenvolvida tem maior probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas. As que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que incapacitam a concentração do processo escolar.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Gestão Escolar MEC/Universidade Federal do Paraná – UFPR, como parte do requisito para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação da Professora Gabriela Schneider.

Através deste trabalho se quer mostrar que é relevante a família e a escola compreenderem a importância da afetividade no processo educacional da criança.

Por meio de pesquisas bibliográficas e de campo em um centro de educação infantil, se busca entender melhor como a escola e a família devem trabalhar com o desenvolvimento afetivo da criança.

Dentro desta perspectiva, convém ressaltar que o objetivo deste trabalho é compreender melhor a importância do afeto no desenvolvimento do ser humano, suas implicações nas variações do comportamento e seu resultado no processo educacional, e ainda, procurar identificar situações que valorizam o bem estar da criança no meio familiar e escolar; procurar relatar os valores emocionais e sua importância no desenvolvimento do indivíduo e perceber a importância do afeto quando há dificuldade na interação social e na aprendizagem da criança.

Mostrar que o desenvolvimento afetivo favorece um potencial cognitivo que lhe confere uma significação e intenção humana que se encontra em permanente mutação, em função das exigências das situações circunstanciais da evolução histórica do indivíduo.

2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil durante muito tempo era considerada como instituições para bebês. E crianças em idade de pré-escolar eram consideradas apenas parte de uma ação assistencial. Felizmente, essa mentalidade mudou, e a legislação elevou a etapa de 0 a 6² anos ao status de educação infantil e o primeiro degrau da educação básica.

Ainda assim, podemos verificar que muitas pessoas, até mesmo da área educacional, ainda não tem clareza da importância da creche e da pré-escola. Por mais surpreendente que isso pareça, existem opiniões defendendo que lugar de criança pequena é em casa. Por outro lado, diversos estudos demonstram a repercussão positiva da educação infantil no desenvolvimento das crianças.

² A partir de 2007 a educação infantil passou a compreender apenas crianças da faixa etária dos 0 aos 5 anos uma vez que houve ampliação do ensino fundamental para nove anos compreendendo dos 6 aos 14 anos.

Com esse variado conjunto de opiniões e assuntos, o debate nas escolas é valorizar os profissionais que atuam nessa etapa fundamental da formação dos seres humanos.

A criança pode formar comportamentos na educação infantil que servirão de base as atividades de estudo posteriores. A criança pequena realiza durante o seu desenvolvimento varias atividades de natureza biológicas e cultural que criam, de forma natural, suportes para a aprendizagem escolar que acontecerão a partir do ensino nas séries que constituem a educação básica. Assim falar em aprendizagem na educação infantil significa falar em desenvolvimento e que possibilitará muitas aprendizagens escolares posteriores. As praticas culturais da infância promovem o desenvolvimento fundamental desse período, como a função simbólica, a percepção, a atenção, os movimentos amplos e dos movimentos circunscritos das mãos, dos pulsos e dos dedos, estes últimos necessários para escrever.

Nas práticas culturais estão incluídas as brincadeiras infantis, os rituais, as festividades coletivas, a tradição oral de uma cultura. Ao realizar as praticas culturais, as crianças também se apropria de objetos culturais, incluindo instrumentos musicais, os instrumentos de desenhos e os de escrita, entre outros. A criança realiza explorações com o tridimensional, manipulando elementos da natureza, materiais diversos, objetos com formas geométricas e brinquedos.

É certo de que precisamos atender a criança com suas especificidades oferecendo-lhes um espaço educativo e estimulante com suas muitas possibilidades de ação, respeitando as características individuais de cada um realizando um planejamento que possibilite o desenvolvimento completo. Logo, a escola deve propiciar para a criança um crescimento coerente com as mais diversas formas de aprendizagens, onde elas possam encarar e resolver os desafios cotidianos.

.2.1 O DESENVOLVIMENTO AFETIVO DA CRIANÇA.

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. A afetividade é entendida nesse trabalho como

[...] instrumento de sobrevivência do ser humano, pois corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos, estabelecidos pela consciência afetiva. (BORBA; SPAZZIANI, s/d, p. 1)

Segundo o dicionário Aurélio afetividade é uma relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido. É o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos. Pode também ser considerado o laço criado entre humanos, que, mesmo sem características sexuais, continua a ter uma parte de "amizade" mais aprofundada.

Nesse sentido, a afetividade se torna essencial na vida do ser humano, especialmente na criança em desenvolvimento. Segundo PIAGET (1947) parece existir um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual, com este último determinando as formas de cada etapa da afetividade.

De acordo com Piaget:

“Partindo deste princípio, torna-se indispensável darmos ênfase à evolução do aspecto cognitivo do sujeito, compreendido por meio de uma sequência de estruturas que se formam através das experiências vivenciadas, superando os obstáculos reais e convergindo a partir destas novas estruturas à consolidação ulterior. Da mesma maneira, não poderia deixar de ser o desenvolvimento sócio-afetivo ao evoluir atendendo a mudanças qualitativas e graduais semelhantes no cognitivo. O desenvolvimento cognitivo, afetivo e social encontram-se tão imbricados um ao outro, a ponto da simples mudança circunstancial em um dos aspectos ocasionar a transformação nos demais, positiva ou negativamente, dependendo dos seus elementos constituidores. Enfim, considerando que esses dois aspectos são ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, não é, portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre suas respectivas evoluções”. (PIAGET, 1990, p.24).

As crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras e compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual.

As crianças que ao longo de sua vida tiveram uma boa relação afetiva com as pessoas que a cercam são seguras, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual.

Entretanto, a falta de afetividade por parte de pais e professores leva a uma repulsa da escola e conseqüentemente a aprendizagem, gerando assim a ausência de vontade de crescer. (ROSSINI, 2001, p.15)

É importante destacar que a afetividade não se dá somente por contato físico; discutir a capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço e motivá-lo sempre é o principal papel do professor da educação infantil, constituem formas cognitivas

de ligação afetiva, mesmo mantendo-se o contato corporal como manifestação de carinho.

É através desse desenvolvimento que estamos construindo e reconstruindo nossa aprendizagem seja ela científica ou de senso comum. O desenvolvimento humano inicia-se no instante da concepção e perdura por toda vida. O recém nascido é um organismo de capacidade extraordinária. Está biologicamente pronto para experiências à maioria das sensações básicas de sua espécie.

Segundo Piaget, um bebê nascido, apenas alguns dias acompanhará com os olhos uma luz que se move. Sugará um dedo ou bico do seio se inserido em sua boca, voltar-se-á na direção de quem estiver tocando sua face ou canto da boca. Poderá chorar, tossir, virar-se, vomitar. Seu corpo reagirá a um som alto e ele poderá flexionar e estender os membros.

As primeiras reações de agitação do recém nascido já são o esboço de um jogo que perdurará no seu desenvolvimento.

PIAGET (1977), ao descrever o desenvolvimento intelectual da criança, chama esta fase de sensório motora, pois o bebê está recebendo, por seus órgãos sensoriais, estimulações ambientais e agindo sobre. Assim vai nascendo a inteligência e seu conhecimento da realidade.

A criança situa-se no meio em relação a objetos, aprende a se orientar no espaço e a se organizar em relação a eles, adquirindo noções básicas

espaciais: em cima, em frente, em baixo, etc. Percebe a evolução dos acontecimentos no tempo, que algumas coisas são feitas depressa e outras mais devagar.

Segundo FREUD (1933), a primeira infância, chamada de fase oral, dá evolução ao psicosexual. O bebê busca prazer sugando e pondo coisas na boca.

De acordo com ERICKSON (1979), esta fase chama-se fase da idade confiança e desconfiança. O modo como o bebê é cuidado determina a confiança ou a desconfiança com que ele relacionará com outras pessoas durante toda a vida.

Todos esses fatores (coordenação motora, equilíbrio, tonicidade, espaço, tempo, ritmo e o contato com o meio) encontram-se relacionados no processo de desenvolvimento da criança, influenciando-se mutuamente.

MONTAGU afirma que:

De fato existe uma extensa literatura que mostra a incomensurável importância do comportamento da mãe para o desenvolvimento sexual e social subsequente de seu filho. Podemos expressar, como um considerável grau de certeza, nossa convicção de que, apoiando-se nas evidências existentes, apesar do valioso peso das relações afetivas entre bebês, este jamais poderá se igualar à influência do relacionamento afetivo existente na dupla de amamentação, entendendo-se sempre que a mãe seja genuinamente afetuosa. Pouca dúvida se pode ter de que a interação dos jovens entre si é de considerável importância para o crescimento e desenvolvimento social da criança, pois é no dar-receber que acontece entre iguais que as crianças experimentam, testam e aprendem muitas das modulações do comportamento interpessoal. *MONTAGU (1988, p. 124)*

A mãe, enquanto estímulo social fornece estimulação sensorial para o bebê através dos meios táteis, visual e auditivo, isto é, com a manipulação do bebê, seus carinhos e afagos, com sua conduta de falar e brincar com a criança, assim como, simplesmente, por estar visualmente presente. A privação desses estímulos sensoriais por parte da mãe tem efeitos graves.

É um relacionamento diferente, como uma condição natural, cuja durabilidade pode ser assumida como certa, exceto em algumas circunstâncias extremas. Esse processo de relação mãe-filho é uma democratização de relações pessoais, e afeta profundamente, de forma positiva, as representações e vivências futuras do sujeito.

A própria criança percebe-se e percebe os seres e as coisas que o cercam, em função de sua pessoa. Sua personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo a sua volta.

O esquema corporal é um elemento básico e indispensável para a formação da personalidade da criança.

De acordo com VISCOTT:

No mínimo uma criança cujos pais negam o amor torna-se confusa. Ela é ferida pela rejeição, mas sente-se inibida na expressão do ressentimento pelo medo de ser ainda menos digna de amor e de diminuir as chances de ser cuidada. Essa raiva contida logo se transforma em culpa. É freqüente que essas crianças cresçam sem saber se fazem coisas para os pais por culpa ou por amor. Elas tendem a procurar pessoas que possam lhe dar aquilo que lhes foi negado, mas só acabam desapontadas novamente. Essas partidas falsas prolongam o processo de descoberta de sua independência e de sua crença em si mesmas, que são as lições básicas do período dependente. *VISCOTT (1982, p. 48)*

É possível conceber a família como um sistema de organização, de comunicação e de estabilidade. Esse sistema pode desordenar o desenvolvimento de uma criança.

Segundo BRIGGS:

Toda criança, embora completamente diferente dos demais, tem as mesmas necessidades psicológicas de se sentir amada e digna. Tais necessidades não desaparecem com a infância. Todos nós as temos e elas nos acompanham até a nossa morte. A satisfação dessas necessidades é tão importante para o nosso bem-estar emocional quanto o oxigênio o é para nossa sobrevivência física. Afinal de contas, temos que conviver conosco durante toda a nossa vida. A única pessoa que não podemos evitar, por mais que nos esforcemos, somos nós mesmos. O mesmo acontece com nossos filhos. Eles convivem consigo mesmos da maneira mais íntima, é o auto-respeito da vida significativa e compensadora.

BRIGGS (1986, p. 5)

Uma vez que a criança e a família são partes um do outro e a formação da identidade de uma pessoa ou grupo familiar determinada dentro dos elementos de igualdade e diferença de personalidade for respeitada, provavelmente será mantido certo equilíbrio.

É necessário destacar que a relação de confiança, quando estabelecida, cria condições para o início de qualquer relacionamento. Assim como a liberdade de ação, diálogo e a troca afetiva proporcionam espaço, favorece a

competência e a sensibilidade do indivíduo em explorar a multiplicidade de estrutura de pensamentos.

Se levarmos em conta que todo ser humano é um emergente do seu grupo familiar, veremos que todos somos sujeitos passíveis de nos convertermos em depositários e/ou depositantes das ansiedades e dos conflitos do grupo. Esta situação torna-se ainda mais visível no caso específico de uma família onde existe um indivíduo com necessidades especiais, pois, com o seu ingresso no grupo, a estabilidade dos vínculos anteriormente estabelecidos perde-se.

A afetividade leva muitos anos para ser elaborada e este tempo é variável para cada membro da família. Alguns conseguem vencer rapidamente as barreiras, ao passo que outros, demoram um pouco mais ou até, em casos mais extremos, nunca aceitam o fato.

O compromisso da palavra “afeto” poderia ser classificado como uma abstração, se não envolvesse a decisão lúdica e profunda de quem o assume. Se a família prosseguir na análise da palavra, sentirá a necessidade de apreender aquilo que faz com que um ato se constitua em compromisso.

Os pais necessitam ser um grande parceiro dos filhos, além de ter interesse pelo ser humano e tentar conhecer as características biopsicossociais. Esse conhecimento permite-lhe interagir adequadamente o progresso de seus filhos, relacionando-os com sua ação de pais.

Estar atento a diversidade é considerar não só as capacidades intelectuais e os conhecimentos de que o filho dispõe, mas também interesses e motivações.

A família deve considerar a diversidade como valor e respeito às diferenças e não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação familiar, mas ao contrário, é um fator de seu enriquecimento.

Assim como a relação da pessoa que interage com a criança poderá torná-la criativa e afetiva, a paciência e a serenidade do adulto influenciarão, também, no desenvolvimento da capacidade de observar e de concentrar a atenção.

Quando o adulto interage, pode despertar a atenção e a compreensão da criança, enriquecendo o seu brincar. Mas é imprescindível que se observe como ela está brincando para respeitá-la, respeitando sua iniciativa, suas preferências, seu ritmo de ação.

Desta forma, a criança sente-se ao mesmo tempo prestigiada e estimulada. E o adulto por sua vez, pode levar a criança a fazer descobertas e a viver experiências que tornam seu desenvolvimento vivencial mais estimulante e mais rico em aprendizado.

As relações afetuosas, através de interações, proporcionam amadurecimento emocional e vão, pouco a pouco, favorecendo a sociabilidade infantil.

As atitudes dos pais em relação aos filhos influenciam muito. A maneira dos pais se comportarem influencia de forma diferente cada filho, porque são diferentes.

A criança retém os sentimentos que os pais têm em relação a ela e a vida geral. E esses sentimentos são a base para o conceito que a criança forma de si própria, do mundo e do lugar que ocupa no mundo. Criança que é desprezada aprende a desprezar-se. Criança que é aceita tem mais probabilidade de desenvolver atitude de auto-aceitação, assim como, pais permissivos e afetuosos terão filhos criadores e independentes. Os pais precisam estar conscientes de suas emoções para então, perceber, entender e poder ajudar seus filhos.

De acordo com VISCOTT:

A forma pela qual uma criança pequena aprende a se sentir segura com os seus pais tem um impacto no seu modo de aprender as lições dos estágios posteriores da infância. Felizmente, as crianças, demonstram flexibilidade ao se adaptar, reaprender a descobrir por si mesma a verdade de uma situação. Embora a sua experiência inicial a prejudique, a sua vida ainda tem o potencial para ser uma experiência corretiva de aprendizagem. A sua experiência dependente lhe ensina o consolo que pode ser trazido pela proximidade com outra pessoa. Ela também lhe revela perigos – isto é, rejeição e desapontamento, todas as sementes de crescimento e de evolução de uma pessoa são semeadas no período dependentes. Aquilo que se segue apenas refina o desejo dependente. As questões de dependência permanecem com você por toda a sua vida. Você desenvolve novas habilidades e demonstra novas forças, mas ainda precisa lidar com sua necessidade e outras pessoas e com a sua solidão. É o desespero de se ver sozinho que provoca a maioria dos enganos na vida adulta, como escolher o

parceiro errado, ceder à pressão de colegas e abandonar o próprio julgamento.

VISCOTT (1982, p. 51)

Todo sujeito tem em si mesmo a existência de um eu cheio de potencialidades, de habilidades, que com certeza estão referenciadas na idéia de natureza humana, e que não se manifestam de imediato.

Os pais parecem ter em suas mãos a possibilidade de fazer do filho uma pessoa feliz, colocá-lo em movimento, estimulá-lo, acompanhar o seu destino, converter percepções em consciência, estruturar, transformar, humanizar, enfim, acreditar que muito pode ser feito e muitas mudanças podem ser operadas com a ajuda da família.

Tanto a criança quanto a fantasia que ela faz do seu mundo, alteram, em maior ou menor grau, a sua auto-imagem, suas relações interpessoais com o mundo ao seu redor.

Este posicionamento contrapõe-se à noção, muito aceita em nosso meio, de que uma criança com alterações em seu desenvolvimento conseguirá, com o passar do tempo, adquirir as condutas que não conseguiu adquirir no momento apropriado. Esta é uma crença baseada em conceitos errados, sem uma fundamentação teórica e que pode produzir danos profundos tanto no sujeito quanto em sua família, já que se perdem momentos críticos do desenvolvimento, ao obstruir a possibilidade de a criança experimentar situações de aprendizagem funcional e possibilitando que se cristalize um funcionamento patológico no grupo familiar.

Os princípios da família são relevantes e devem ser considerados e respeitados. No entanto, na relação com a criança, cabe a família, em primeiro plano, priorizar em termos de cuidados e afetos, aquilo que considera bom e correto, aquilo que acredita e valoriza.

BRIGGS (1986, p. 06) aborda que é o sentimento da criança sobre ser ou não ser amada que afeta a maneira pela qual ela irá se desenvolver.

Ao decidir o que é bom, o que é bem-estar, a pessoa age de acordo com seus valores, suas necessidades e prioridades, demarcando qual a sua vontade frente à realidade que vivencia.

Numa sociedade que está em constante mudanças tecnológicas, é imprescindível repensar no papel da família enquanto agente de mudança, de construção e informação. Quando se promove o aprendizado e o desenvolvimento de uma pessoa, há necessidade de proporcionar ao indivíduo um papel social nas atividades significativas da sociedade, com a oportunidade de alcançar a sensação de estar contribuindo, de pertencer e de ser apreciado, o que permite uma saudável auto-estima.

GOLEMAN enfoca que:

A vida em família é onde inciamos a aprendizagem emocional, nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a eles, aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprendemos tudo isso somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente, com os seus próprios sentimentos e com aqueles sentimentos que se passam na vida conjugal. Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros são atozes... Acrescenta que: a forma como os pais tratam os filhos, se como rígida disciplina ou empática compreensão, indiferença ou simpatia, etc, tem conseqüências profundas e duradouras para a vida afetiva da criança. Mas só recentemente surgiram dados concretos que mostram que ter pais emocionalmente inteligentes é em si de enorme proveito para a criança. A maneira como um casal lida com seus sentimentos, além do trato direto com a criança, passa poderosas lições para seus filhos, que são aprendizes astutos, sintonizados com os mais sutis intercâmbios emocionais na família. (GOLEMAN, 1997, p. 204)

Nas diversas formas de comportamento, nas interações familiares preponderam propriedades gratificantes ou não, e desses comportamentos podem decorrer fuga ou esquiva dos filhos, quando expostos a vivenciarem situações de relacionamentos conjugais conflituosos e norteadores de caminhos incorretos e negativos. A probabilidade de algumas de suas condutas negativa pode evidenciar distorções inapropriadas nas mais complexas etapas do desenvolvimento intelectual e emocional da criança.

O diálogo é um meio apropriado para esta situação, a família precisa conduzir com inteligência e tranquilidade emocional, colocando, em evidência as implicações afetivas que visem uma relação, sempre centrada na satisfação, nos encorajamentos, conselhos, afeição, amor, etc. Tais ações podem favorecer a criança, o seu aprendizado, a experiência e razões para, na maioria das vezes, adotar uma atitude de compreensão dentro de um sistema de valores e submeter-se aos ensinamentos da experiência e vivência.

Quando o indivíduo aceita-se como é, ele sente-se livre, tem facilidade para melhorar e atualizar-se de forma progressiva, acredita em si. Quando ao contrário, ele entra em acomodação, aceitando-se como se encontra, entra em conformismo e seus defeitos tendem a aumentar. Supõe-se que para mudar ou melhorar, ele precisa rejeitar-se a si mesmo. Ou seja, enquanto a pessoa sente-se ameaçada por si mesmo, vive defendendo de si mesmo. E para se defender, distorce e nega experiências, formando um conceito inadequado de sua pessoa.

BRIGGS (1986, p. 35) diz que quanto pior é o comportamento da criança, maior seu desejo de aprovação. Quanto mais retraída ou desagradável, mais ela precisa de amor e aceitação. Quanto maiores as suas defesas, mais “faminta” e alienada está. No entanto, as próprias defesas da criança tornam menos provável à conquista da aceitação desejada. Assim ela gira nesse círculo, tecendo a teia que acaba por transformar-se em seu cárcere pessoal.

Educacional e socialmente, cabe ao adulto, começando pela família, a criação de um envolvimento estimulador adequado, que permita a edificação do desenvolvimento psicobiológico harmonioso caracterizado por suporte afetivo, condições de desenvolvimento emocional, lúdico e motor, facilidades de exploração do meio físicosocial, relação e interação consistente entre o adulto e a criança para a manutenção da linguagem e para a apropriação das aquisições de socialização.

Podemos afirmar ainda que o desenvolvimento afetivo e cognitivo como um processo vital para a formação do ser humano. Na medida em que a criança se desenvolve física e psicologicamente, ela cria e organiza seus conhecimentos de acordo com o meio que vive.

A possibilidade da criança se comportar de acordo com seus modelos de pais e professores é muito relevante, portanto, abundante motivador reforça de forma positiva no desenvolvimento e maturação pessoal. O afeto é um dos fatores primordiais desde o nascimento e é interessante notar que o desenvolvimento cognitivo deixa a pessoa com sentimento de potência, ou seja de ser alguém e ter importância perante a sociedade.

MONTAGU diz que:

Tanto a verdade quanto a comunicação começam com os gestos simples: tocar, que é a verdadeira vez da sensação, do sentimento. O toque amoroso, com a música, profere em geral as coisas que não podem ser ditas: nada é preciso que se diga visto que está entendida. (MONTAGU, 1988, p. 275)

Conclui-se que a afetividade e a cognição andam paralelas, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição, a razão para esse requisito são as fontes primárias de conhecimento e de desenvolvimento da criança que partem do envolvimento de maturação de sua família e posteriormente o professor, que através de uma relação empática pode promover grandes aprendizagens ou ao contrário torná-los meros expectadores.

Embora cada momento histórico corresponda a um modelo de família, ela ocupa um lugar indispensável para garantia da sobrevivência e proteção dos filhos. É a família que, em geral, propicia atos afetivos e materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes, e ainda desempenha um papel decisivo na educação formal e informal. É também em seu interior que se constrói as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. É necessário esclarecer que o conceito de família não se restringe a concepção de família tradicional.

GOKHALE (1980) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto.

Aprender envolve processos emocionais que podem ser controlados pela estimulação ambiental. E se a família é a primeira escola de aprendizagem emocional, ela tem a oportunidade e a capacidade de mostrar termos afetivos, assim como o compromisso ligado às necessidades fisiológicas como alimentação e saúde, como deve reagir ao não cumprimento do filho aos limites impostos.

O dever da família com o processo de escolarização e a importância de sua presença no contexto escolar é reconhecido na legislação nacional, que adotam como uma de suas diretrizes o mecanismo que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento do aluno. E ainda,

conscientizar e comprometer os segmentos sociais, a comunidade escolar, a família e o próprio aluno, na defesa de seus direitos e deveres.

Educar uma criança é colocar limites corretamente. É o ensino que com afetividade e moderação desenvolve o autocontrole e o caráter. Por isso não se deve confundir regras, limites, disciplina com castigo.

Pais que pensam no limite como forma de bem estar e segurança são justos. A forma de falar e explicar também são fatores importantes, ser sempre claro, objetivo e usar sempre a linguagem que a criança compreende, assim como impor limites dentro da sua necessidade é tão importante quanto dar limites e fazer cumprir, estar preparado para atuar e exigir quando não cumprido.

Na realidade das escolas, hoje não é difícil perceber que quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles aprendem mais.

Alguns aspectos estão relacionados a relação família/escola/educação. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a família pode ser um espaço de afetividade e de segurança, mas também de medos, incertezas, rejeições, preconceitos e até de violência. Enfim, características e particularidades marcam a trajetória de cada família e conseqüentemente do educando. Em segundo lugar, na relação família/educador, um sempre espera algo do outro. E para que isso é preciso ser capaz de construir uma relação de diálogo, onde cada parte tenha sua vez, onde exista uma efetiva troca de saberes. Uma atitude de desinteresse e de preconceito pode danificar esse tipo de relação e trazer sérios prejuízos para o sucesso escolar.

Enfim, podemos concluir que a criança é o espelho da família e se é através da observação e imitação do comportamento dos pais, professores e sociedade, não adiantam exigir que a criança se comporte de maneira amável e dócil, se as pessoas que a cercam não o fazem.

Escola e família têm os mesmos objetivos: fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. Mas quando o boletim não está bem, começa o jogo de empurra, professores culpam a família, os pais culpam a escola de negligência.

Professores em escolas desestruturadas, sem apoio de material e pedagógico, não conseguem trabalhar de maneira tão satisfatória. É preciso que este profissional seja competente, afetivo, motivador e valorizado, que

encontre o prazer de ensinar, para possibilitar o prazer de aprender, essas crianças, já tem dificuldade por natureza, se o professor não for qualificado o aprender fica mais difícil.

Segundo SOUZA

Existe dois tipos de condições para a aprendizagem: as externas, que definem o campo do estímulo, e as internas que definem o sujeito. Umas e outras podem estudar-se em seu aspecto estrutural, como sistemas. A combinação de tais condições leva a uma definição operacional da aprendizagem, pois determina as variáveis de sua ocorrência. Piaget afirmou que as mudanças cognitivas e intelectuais resultam de um processo de desenvolvimento, definindo-se como um processo contínuo. (SOUZA, 2002, p. 69)

PIAGET (1947) concebeu a inteligência como tendo dois aspectos, o cognitivo e o afetivo. O aspecto cognitivo tem três componentes: o conteúdo, a função e a estrutura. No entanto o ritmo de desenvolvimento das crianças pode não ser igual em virtude dos fatores: experiências ou hereditários. Crianças brilhantes podem se desenvolver rapidamente; crianças especiais podem progredir, mais lentamente, algumas nunca alcançarão ou adquirirão completamente as operações completas, por exemplo, mas o sujeito é feito de tentativas.

PIAGET considera:

Que é impossível encontrar um comportamento oriundo da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo. É impossível encontrar um comportamento composto de só elementos cognitivos. Embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociáveis num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto a natureza. É óbvio que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas de inteligência. (PIAGET, 1947, p.106)

Para a prática pedagógica não é suficiente o domínio teórico, exige-se do profissional uma percepção refinada, crítica e a capacidade de adequar estes “saberes”, a cada caso, levando em conta elementos da área cognitiva, afetivo-social e pedagógica. Atender as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem é um desafio e também, papel do professor.

Encontrar caminhos para que facilite a aprendizagem e aprimore o processo de ensinar e aprender, oferecendo um espaço de escolarização adequado a necessidade do aprendiz é uma busca constante.

2.3. PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) com dezessete docentes, que responderam a seguinte questão: qual é a importância que você vê da afetividade na educação Infantil?

O que se percebeu nas respostas desses professores é que eles acreditam que a afetividade é a base de formação do indivíduo, pois é nessa fase da vida que a criança adquire os fundamentos (valores) essenciais, que serão ao longo da vida aprimorados e reforçados, pois é nessa fase que a criança aprende a conviver com os outros, respeitar seus colegas e professores, aprende a interagir com outras crianças e dividir o que tem, o espaço, brinquedos, além de fazer novas amizades e aprender conceitos e noções básicas, criar hábitos, desenvolver também a fala e a comunicação.

É na Educação Infantil que a criança aprende a se identificar como indivíduo e constrói os pré-requisitos do sistema funcional da linguagem, tão necessária para a evolução de uma educação de qualidade e com os alicerces da formação do ser humano em todos os aspectos. Para muitas crianças é na escola que elas têm contato com o aprender, onde encontram recursos, por meios e métodos, capazes de satisfazer as suas necessidades de aprendizagem. A Educação Infantil, muitas vezes, é onde a criança faz muitas descobertas que serão desenvolvidas e ampliadas no decorrer de sua vida escolar. Porque muitas crianças ficam um tempo significativo em frente a televisão ou brincando sozinha, o que dificulta ou torna mais longo o processo de desenvolvimento e aprendizado de habilidades e da coordenação motora. É que a brincadeira constitui recurso metodológico importante que a criança leva para o resto de sua vida. A socialização e a interação entre as crianças têm entre si e com todas as pessoas que convivem com elas, que elas aprendem brincando e brinquem aprendendo assim seu aprendizado será de melhor assimilação para que sua caminhada possa auto-realizar e ter autonomia. A Educação infantil tem uma importância o desenvolvimento da criança tanto quanto no educar e cuidar, pois ela promove a interação de seus aspectos físicos, emocionais, afetivo, cognitivo e social, a educação infantil tem o papel educativo complementar junto a famílias.

Uma segunda questão feita aos educadores foi: Como é sua relação com os alunos? Segundo eles, a relação é de amizade, companheirismo,

carinho, compromisso mas com limites, tentando sempre acalmá-los, incentivando eles nas atividades de rotina, onde todos cuidam do bem estar em geral pois tem-se que mostrar a eles a certeza que são queridos, é preciso que eles sintam confiança nos professores e que gostem deles. Por isso, os docentes estão sempre cativando e respeitando-os, gerando um ambiente harmonioso e prazeroso, dinâmico e agradável de ensinar e aprender. Afirmam ainda que procuram sempre estar dispostos para acolher os educandos mesmo diante de situações adversas, procurando sempre mostrar atenção e carinho, onde as crianças podem interagir e se expressar livremente. É um relacionamento de amizade, procurando sempre a maneira lúdica, eficaz e prazerosa de ensinar.

Quando questionado sobre quais as características que o professor deve ter para trabalhar na educação infantil? Os professores disseram que são características peculiares e que se necessita educar e cuidar, elementos que favorecem sua constituição como pessoa completa e não apenas intelectual. Desse modo, ao planejar prática pedagogicamente as atividade a Educação Infantil é entendida como pratica social que oportuniza, através da ação mediata entre professores e alunos, relacionar os processos sociais e os processos psicológicos.

Algumas professoras responderam que em primeiro lugar tem que gostar de estar com crianças, ser atenciosa, carinhosa, ter disposição física, ter agilidade, ser criativa, saber brincar, gostar de conviver em grupo, saber ouvir e falar com as crianças, ser tranqüila, acolhedora, saber como e quando aplicar regras e normas, ser afetuoso, ter humor estável, conhecimento sobre o desenvolvimento humano, e observar para realizar as interações necessárias, saber dar limites sem ser rígidos ou severo demais, ser firme e amável ao mesmo tempo, falar com clareza e querer aprender sempre, ser profissional com aquisição de novos conhecimentos para aprimorar e compreender as melhores maneiras de beneficiar os alunos no processo de aprendizagem. Outra característica que o professor de educação infantil deve ter é paciência para entender que as crianças de forma natural do seu desenvolvimento. E além disso deve gostar de criança e do que faz, que valorize seu potencial que tenha ética e profissionalismo. Pois ao planejar devemos pensar será que meu aluno vai gostar, qual será a melhor maneira de se apresentar este conteúdo,

para que a criança aprenda com prazer e não simplesmente decodifique o conteúdo.

Também discutiu-se com os professores qual era a importância que eles viam na relação professor e aluno? As respostas seguiram a mesma tendência das anteriores, onde se expôs que a afetividade é extremamente importante para os alunos se sintam seguros, e uma troca maravilhosa de carinho, cuidado e confiança entre professor e aluno é essencial, pois é a grande chave para o processo de ensino e aprendizagem se torne mais prazeroso, alegre e produtivo. No ambiente escolar a afetividade completa todo o trabalho do professor, onde as crianças assimilam novos conhecimentos de forma lúdica, e também promove a solidariedade e respeito a si mesmo ao outro e ao bem comum, ajudando a conhecer melhor os alunos e fazendo com que a criança goste de ir para a escola. Pois quando se trabalha com afeto a criança deve ter muita responsabilidade e compromisso, pois a afetividade é fundamental para ambos se conhecerem melhor para assim desenvolver o seu trabalho. O professor deve saber conquistar a criança para que ela possa confiar, pois ela está longe da família. É de suma importância, sem afeto a relação não ocorre, é fria. Crianças precisam de motivação, auto-estima, até mesmo os mais rebeldes. Por meio da afetividade se conquista o respeito, desta forma abre-se diante dela um leque de oportunidades, que são um dos caminhos para a aprendizagem e desenvolvimento pessoal.

Como se dá esta relação de afetividade na sala de aula, foi outra questão levantada aos professores que, responderam que: a relação de afetividade se dá de forma espontânea, as vezes é necessário intervenções, para que os alunos percebam como ela é importante para eles, a importância da conversa, do limite do carinho. Procurar construir vínculos a partir da interação com a criança respeitando a forma de ser de cada uma, percebendo como um ser pensante que constrói seu mundo, pois afetividade não se dá somente por contato físico, mas também pelo elogio, pelo reconhecimento de seu esforço e pela motivação, tais ações promovem a solidariedade, o respeito a si mesmo ao outro e ao bem comum, ajudando a nos conhecer, valorizando as atitudes de cooperação, tolerância as diferenças, orientações contra qualquer tipo de discriminação.

A última pergunta referia-se a uma relação polêmica na educação infantil: a diferença entre cuidar e educar? As respostas de alguns mostraram uma clareza necessária frente a essas duas ações tão importante na educação infantil. Algumas educadoras responderam que não vêem diferença pois ao mesmo tempo que se cuida estará também ensinando algo, boas maneiras, ter bom relacionamento com os colegas, até mesmo na troca de fralda se a pessoa que estiver cuidando conversar com a criança esta ensinando a falar.

Educação e formação é um processo do aluno, onde o professor está sempre preocupado com o conhecimento intelectual do aluno, conhecimento moral e tantos outros. Educar é ver o aluno como um ser dotado de virtudes, de pré-conceitos onde ele trabalha para consolidar e agregar cada vez mais conhecimentos, não esquecendo é claro da individualidade de cada um. Enquanto que cuidar é algo mais superficial da relação dos professores com os alunos, quando apenas cuida e não se preocupa com a formação ou agregação de conhecimento no aluno. O professor é aquele que cuida sim, mas acima de tudo ensina. A partir do momento que a criança chega na escola o professor cuida e reforça a educação que os pais passam em casa.

O cuidar seria zelar por uma boa alimentação, segurança física e cuidados com a higiene e saúde. O educar seria o repasse dos mais variados conhecimentos ser compreendidos não como ações distintas, mas sim como ações interligadas que devem caminhar juntas.

Não há como separar cuidar do educar. Enquanto cuidamos educamos. A educação ocorre em todos os momentos que convivemos com as crianças, na hora da alimentação, divisão do lanche, quando se ensina higiene pessoal, está ensinando a cuidar do seu próprio corpo. E ao mesmo tempo passando carinho e amor principalmente afeto, mas ambos caminham juntos.

Educar é interagir, ensinar ver o certo e o errado e apontar direção, enquanto que cuidar é manter limpo e alimentação sem intervenção nenhuma por parte dos professores.

Educar significa proporcionar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma intrigada e possam contribuir para o desenvolvimento da capacidade infantil. Cuidar abrange os aspectos biológicos do corpo a dimensão afetiva, a identificação das necessidades sentidas pelas crianças no ambiente escolar, a qualidade da alimentação, os cuidados com a

saúde assim como cuidado no aferimento de oportunidades de acesso a diversos conhecimentos.

Educar vai além de cuidar, compreendendo cuidar como o tempo observado aos alunos, zelar pelo bem estar. Já educar é processo reflexivo que prevê desenvolver no aluno suas capacidades em vários aspectos: como físico, intelectual, emocional, moral entre outros. Educar é um processo complexo e requer observação, conhecimento e reflexão, enquanto cuidar requer tempo, disposição e paciência.

Não vejo muita diferença, educar e cuidar anda junto, por isso a importância do afeto na educação. Quando não há afeto não ocorre a solução pelo menos de forma prazerosa. Quando a criança sente se cuidada, ela sente-se estimulada para o desenvolvimento global.

3. CONCLUSÃO

O ser humano, ao nascer, já ingressa em um meio social, a família, e esses contatos ambientais atuam durante toda a sua vida. Através destes contatos e interações, primeiro com a mãe e posteriormente com os outros membros da família e meio social, ele adquirirá experiências e compartilhará suas vivências.

Entretanto, neste vínculo familiar, o papel de pai-mãe é bastante abrangente, levando-se em conta todos os fatores que influencia de forma direta ou indireta na formação do indivíduo. Em outras palavras, é necessário desenvolver mecanismos de afeição para que os filhos sejam estimulados a ser agentes de mudanças e não apenas um reprodutor de conhecimentos.

Dentro desta visão compreende-se que, pensar em família é pensar e ter consciência dos processos de transformação e desenvolvimento humano de maneira a conduzir um ser humano a levar consigo uma dimensão que não pode ser descartada, do qual formará sua personalidade e identidade.

Podemos pensar que a interação social, dentro de uma postura afetuosa, favorece a organização de todo o funcionamento mental.

Frustrações provavelmente ocorrem, porque não temos nenhum modelo de relações somente centrado no afeto, porém quando há planejamento

familiar o indivíduo confiante, se arrisca, mesmo que por meio de acertos e erros, mas enfrenta, seguro de si.

Através do desenvolvimento a criança vai modificando suas reações emocionais, vai aprendendo e assumi papéis conforme a situação em que se encontra.

Sabe-se que é a família e não a escola que proporciona as primeiras experiências de aprendizagem. O ambiente familiar tem grande influencia sobre o aprendizado que favorecerá ou não para atingir os resultados esperados.

O compartilhar das atividades, os diálogos entre pais e filhos, favorecem para que possa surgir o interesse e posteriormente o aprendizado. A coesão familiar é de grande relevância, pois o apoio recíproco entre os membros é fundamental para o desenvolvimento emocional e cognitivo.

A disciplina e o limite são pontos que merecem atenção. Pais que não tiverem uma postura firme quanto a esses fatores acabam por não conseguir resultados desejados.

Educar é uma tarefa complexa, que a cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à capacidade e a flexibilidade dos pais e educadores. Devido a influencia que o comportamento dos pais e educadores tem sobre as crianças, torna-se necessário fazer sempre uma análise sobre o contexto ambiental e as relações existentes, para que quando necessário, possam estar pensando em suas atitudes e manejos.

Se pais e educadores não se conscientizarem da importância de reverem as formas utilizadas de educar e entenderem o quanto estas influenciam o comportamento da criança, sua auto-estima e visão de mundo, os comportamentos inadequados continuarão havendo poucas perspectivas de melhoras. Portanto, para que isto não ocorra, há necessidade que os pais e professores criem formas estratégicas, mudando o seu próprio comportamento, para que este venha a se beneficiar com o outro, ampliando e melhorando a qualidade de interação familiar e social de todos os envolvidos nessas relações.

Cada criança tem sua própria personalidade, portanto, ambos devem respeitar, compreendendo e aceitando as necessidades de cada um. Isso proverá os sentimentos de

auto-valorização, formando assim, a auto-estima e suas habilidades.

Portanto, quando o individuo se sente emocionalmente bem ele cria elos que pode ajudá-lo a regular seus sentimentos e resolver seus problemas. A criança emocionalmente inteligente está preparada para lidar com riscos e os desafios futuros.

Educacional e socialmente, cabe ao adulto, começando pela família, a criação de um envolvimento estimulador adequado, que permita a edificação do desenvolvimento psicobiológico harmonioso caracterizado por suporte afetivo, condições de desenvolvimento emocional, lúdico e motor, facilidades de exploração do meio físico social, relação e interação consistente entre o adulto e a criança para a manutenção da linguagem e para a apropriação das aquisições de socialização.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, D. C. **Criança Feliz: O desenvolvimento da autoconfiança**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. 25ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIAGET, Jean. **O possível e o necessário: evolução dos possíveis na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GOLEMAN, D. **Inteligencia Emocional: e a arte de educar nossos filhos**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MONTAGU, A. **Tocar: O significado Humano da Pele**. 6ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

SOUSA, M. M. **A afetividade e a aprendizagem ao longo do desenvolvimento humano**.
<http://www.Ada.com.Br/finom/publicações/Maristela/afetividade.htm>
(15/11/2002)

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PADILHA, A. M. L. Práticas Pedagógicas na Educação Especial. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

OAKLANDER, V. Descobrimo crianças: A abordagem gestáltica com crianças e Adolescentes. 11ª ed. São Paulo, Summus Editorial, 1978.

BORBA, V. R. S; SPAZZIANI, M. de L. **Afetividade no contexto da educação Infantil**. Caxambu: ANPED, s/d.